

Gaiato



Quinzenário

8 de Abril de 1989

Ano XLVI — N.º 1176 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

TODA a gente tem o direito de ser feliz. Embora por caminhos diferentes, o coração humano está feito para a felicidade. Onde está ela?

• Conversava, há dias com um jovem de 22 anos, depois de cumprido o serviço militar. Aproveitara, já, as férias de Agosto passado para cuidar de farrapos humanos e restituir-lhes o rosto de filhos dos homens e de Deus. Sim, que o rosto dos filhos dos homens ganha beleza e seduz quando vemos nele, o do Filho de Deus.

Agora, com a vida militar arrumada, decidiu continuar a experiência. Está feliz. É um caminho de Vida. E que caminho! O mundo, porque escandalizado, lhe chama louco. É um moço livre. Ninguém o obrigou nem obriga. Tem a porta sempre aberta. Já ganhou dinheiro com outro trabalho mais leve. Conhece o mundo. Mas quer ser feliz. Busca a felicidade, portanto. Ouve os apelos e os ruídos do mundo. Não quer fugir do mundo, mas dá conta que não é do mundo. Como árvore abanada por vento forte, não foge; antes mergulha as raízes da sua vida em terreno seguro — o reino dos mais pobres.

Arregaça as mangas e deita fora tudo o que é inútil e pode impedi-lo de travar a dura batalha do jovem generoso e de grandes desejos. Permanece

sereno — como senhor que leva à Verdade que o liberta.

À medida que se vai doando, dia-a-dia, os seus olhos irradiam paz; suas mãos dão comida; suas palavras confortam; sua presença é coluna que dá confiança.

• Ao ler algumas notas sobre o lugar dos leigos cristãos, e outros, e a sua missão no mundo e na Igreja, encontrei-me com este jovem de 22 anos. «Não é um exagero dizer-se que toda a existência do fiel leigo tem por finalidade levá-lo a descobrir a radical novidade cristã que promana do Baptismo, sacramento da Fé, a fim de poder viver as suas exigências segundo a vocação que recebeu de Deus.»

Sinto-me feliz por Pai Américo ter acolhido o dom gratuito da Obra da Rua, da parte de Deus, em terreno humanamente rico e preparado com muito trabalho, como espaço onde a dignidade do leigo aparece em primeiro plano. Saibamos nós respeitar este dom com características que, no tempo em que ela veio à luz do dia, constituíam novidade — aceite com reservas. A intuição de Pai Américo — que não era um dado puramente natural — levou-o a colocar o rapaz no lugar que lhe pertencia, por dignidade e direito; o doente incurável, pelo mesmo modo; passando pelo capital humano escondido no movimento do Património dos Pobres e depois na Autoconstrução; no jornal O GAIATO; no lugar do padre da rua e das senhoras que em seu

pensamento haviam de ser a presença do feminino, insubstituível no crescimento equilibrado da Obra da Rua — as Casas do Gaiato.

• Dias depois veio uma mulher ainda nova. Com 29 anos agora, muito cedo fez da berma das estradas seu poiso habitual. Concebeu três filhos e vinha pedir que os recebesse, pois não queria para eles a sorte que ela tinha.

O diálogo passou-se no escritório de Pai Américo. Por ruelas e casas duvidosas passou muito do seu tempo como recoveiro dos Pobres. Toca-nos o mesmo privi-

Cont. na página 2



Quem havia de falar em nome destes filhos?

PATRIMÓNIO DOS POBRES

O Zêzere é talvez o rio português que encontra mais obstáculos e apertos no seu percurso. O seu leito é de tal modo sinuoso, que ora corre para norte, ora para sul. As suas curvas são uma constante. Nas margens, onde os montes se afastam das águas para dar lugar a prados ondulados, aldeias perdidas guardam moradores. No geral são pessoas idosas, já sem forças para demandar os grandes centros, ou então desejosas da paz que aqui se vive. Por isso, alguns regressam e outros arribam a estas margens tranquilas.

Neste lugar, rapaz de Angola encontrou o seu sítio de sossego. Foi criado de uns senhores na sua terra. Veio com eles, como tantos, de roldão. Mas o casal separou-se. E o rapaz perdeu o amparo. Agora, anda aos dias pelos campos. É pacífico e trabalhador. Vive só. Com quarenta contos adquiriu uma casita em xisto, coberta de ardósia — um minúsculo abrigo de animais com quatro paredes, uma porta e um janelo. Todos o estimam. Todos dão boas referências. Ora, ele deseja melhorar a casita. Como não dar a mão a quem a pede com tanta delicadeza! O pároco está a meu lado interessado, intercedendo.

Mais adiante, um emigrante acaba de voltar. Andou por lá, ganhou uns francos, mas a doença coagiu-o a regressar. Iniciou a casa para a família de sete membros. Com suor levantou algumas paredes e cobriu-as. Mas o pecúlio adquirido não deu para terminar a tarefa desejada. Pede uma ajuda.

Aqui, em meio de pinhal denso, um casal novo, dos poucos que teimam em permanecer, anda a braços com a moradia. Querem uma vida digna, que o local onde actualmente moram não o permite. Ora, a dignidade da família passa

naturalmente por uma casa onde haja espaço, higiene e umas rosas.

Mais adiante trabalha-se fora de horas. Após o emprego, este homem laboriosamente vai erguendo a sua casa. Mas os materiais têm que ser pagos a horas. Não deixamos que nos mendiguem ajuda. O esforço de o fazer tem que ir para a casa. Este marido trolha e a esposa servente, em horas extraordinárias, bem merecem um auxílio.

Esta casa está por dividir. Os filhos são muitos. E o lugar é tão encantador, por sobre o povoado, que vai ser um regalo para aqueles crescerem e serem homens. O rio desliza ao fundo da encosta. As águas em caudal transbordam nas margens e fazem os campos verdes. As montanhas sucedem-se ao longe, perdendo-se no céu azul. As crianças precisam de quartos com janelas bem rasgadas para observarem o encanto.

Atravessamos olivais. Pisamos erva macia e damos com outro povoado. Viúva jovem aponta-nos a casa, quase pronta e graciosa. Mas as dívidas estão à espera de solução. O marido e uma filha morreram em acidente de viação. Agora vive só com o bebé.

Os problemas dos Pobres são reais. Às vezes não deixam encarar o futuro com esperança e alegria. Creio que nasceu por aqui um pouco mais de luz e de calor.

O rio avança tortuoso no seu leito, mas mais tortuosas deslizam as vidas de muita gente. Para endireitar é, por vezes, preciso ir ao seu encontro.

Tu que tens a vida certinha, agradece esse dom e faz com que outros possam também agradecer. Quando fizeres um fogão de sala, pensa naqueles que não pos-

Continua na página 3

FESTAS

As Festas são a actividade dominante dos Rapazes nestas férias pascais e um elemento catalizador de toda a sua atenção.

Não admira, pois, que se revelem a expressão mais viva, mais concentrada e mais bela do que é a Obra da Rua.

Nem o jornal O GAIATO nem as pregações dos Padres nos peditórios, ou outras, encerram uma mensagem tão compacta de maravilhas como as nossas Festas.

Elas estão no Centro e no Sul para satisfazerem a sede, nunca saciada, dos Amigos da Obra.

Continua na página 4

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• Nem só os miseráveis precisam d'apoio. Também certos estratos onde impera a crónica doença do analfabetismo.

A septuagenária revela uma cara triste. Saca, da taleiga, um ror de papelada e conta a sua história.

Foi, sempre, da lavoura: Saia de roda; socas; lenço na cabeça; e mãos cheias de calos. A face enrugada reflete as cambiantes da narrativa. É inteligente!

Para além de muitas outras, sofre a dor de não saber ler nem escrever: «Os meus pais não me mandaram prà escola. Ia prós campos do nascer ò por-do-sol... Tenho pena!»

Casou. O marido emigrou e caíu nos braços doutra... Tragédia das migrações! Por lá morreu e o mundo da Segurança Social pede, agora, os documentos necessários para regularização da pensão de sobrevivência. A mulher passa, logo, recado ao filho, também emigrante, que pesquisa o fundamental: certidão d'óbito.

Para o restante, que não é pouco, indicamos o caminho. «Escreva num papel q'eu vou e trago tudo.» Mulher despachada!

Regressa feliz. Preenchemos o que é devido, a rogo da interessada que comenta: «Isto não é grande cousa...! Mas é preciso aproveitar tudo... prà gente poder viver — com a graça de Deus».

PARTILHA — «Uma portuense qual-quer» comparece com «a migalha relativa ao mês de Fevereiro — para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa».

Um casal, do Fundão, mantém a perseverança de tal modo que, em pouco espaço de tempo, comparece duas vezes com avultados donativos. Repetimos o nosso bem-haja.

O costume, de Umbilo — Durban (África do Sul). Maria do Rosário, Porto: «Mim, da minha parte; e quinhentos, duma pessoa amiga — destinados à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Perdoai a insignificância, que só tem significado pela boa vontade com que é oferecida». Aqui está o valor!

Velha amiga, de Nelas: «Nesta Quaresma de 1989 não quero deixar de contribuir com uma gota, pequena é certa, para que possais ir aliviando a cruz de tantos Irmãos — da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — que a maior parte das vezes sofrem em silêncio. Pedi a Deus por mim e pelos meus; e, também, que me dê sempre vontade de repartir. Tanto mais que nem tenho o mérito de dar o que me possa fazer falta. O Senhor me ajude a dar, a dar sempre!» Sinal da Páscoa!

A remessa habitual da assinante 19177, do Porto, «para ajudar um bocadinho o foliar dos Pobres». Para a renda da casa duma viúva, 2.000\$00 do assinante 17258, de Rio Tinto; e «o que sobrar — frisa — é para amêndoas». Cheque, de Santa Cruz do Douro, com a amizade de sempre.

Assinante 32986, do Porto: «Sendo amanhã o Dia do Pai (o meu já faleceu há vinte e cinco anos, mas no muito que lhe fiquei a dever, inclui-se o ter-me ensinado a conhecer e a amar a Obra do Pai

Américo) entendo que é uma excelente oportunidade para, em evocação dos dois referidos Pais, remeter uma pequena contribuição para a Conferência, incluindo a contribuição de minha irmã — que também quer estar presente».

Assinante 14802: «Envio um cheque à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus para acudir a um caso aflitivo. São tantos os irmãos que sofrem, física e moralmente! É um pouco da minha renúncia quaresmal».

Mais um cheque, do assinante 23618: «5.000\$00 são para a Conferência Vicentina, com a intenção de contribuir um nadinha para minorar (um pouco) as carências dos que, nesta época festiva,

deviam sentir alegria no coração e, porventura, sofrem a tristeza da penúria. Uma Páscoa feliz, na Graça do Senhor. Aproveito para felicitar O GAIATO por mais um aniversário e os votos de que este arauto da Verdade continue a chegar cada vez mais longe e por tempo incontável».

Marília, da capital, com um cheque, a fim de «proporcionar uma pequena ajuda para a Páscoa dos Pobres» da nossa Conferência. De Vilares, a oferta do costume. «Avó de Sintra», também, para a «Família do costume».

Retribuimos, a todos os Amigos, votos da santa Páscoa. E, em nome dos Pobres, expressamos a sua gratidão.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PÁScoa — Tem para nós um grande significado, pois transmite algo de transcendente.

Acompanhámos todos os rituais, a partir de Quinta-Feira Santa até Sábado, quando, pelas 22 horas, celebrámos a Vigília Pascal que principia com a bênção do lume novo, depois a liturgia da Palavra e a Eucaristia.

Após as cerimónias dirigimo-nos ao refeitório para saborear o delicioso cacau e o típico folar.

No domingo houve almoço melhorado e, como não podia deixar de ser, amêndoas docinhas.

Transmito aos nossos leitores votos de santa Páscoa!

VISITANTES — Recebemos a visita de muitos Amigos durante as festas pascais. Agradecemos. Venham sempre, cada vez mais.

RECORDAÇÃO — Fez, agora, um ano que faleceu a nossa tão querida senhora D. Sofia. Está no Reino dos Céus, com certeza, beneficiando do que deu a todos nós — durante muitos anos. Era a nossa Mãe. Criou alguns, desde pequeninos, cujas mães os abandonaram. Deixou tudo quanto tinha para nos servir. Por isso, a sua memória será recordada por todo o sempre.

Paulo Jorge S. Lourenço

CALVÁRIO

☆ O túmulo vazio!

A Ressurreição do Senhor! Falei nela aos irmãos — como alicerces da Fé; fundamento da Esperança; e certeza da vida com Deus. Foram os pontos de reflexão em três comunidades onde, no Domingo de Páscoa, celebrei. Isto por entre o estrondo dos foguetes que atroparam o Minho.

Tive a impressão de que os muros opacos devolveram os sons e o sentido... Então, senti o vazio de minhas palavras perdidas no ar.

Ficaria alguma semente? Interroguei-me... Deus sabe.

Difícil lançar à terra a semente da Esperança na Ressurreição e Vida feliz com Deus!

Mais fácil correr atrás dos bens, do maior conforto, de mais prazeres.

Quando se grita aos cristãos: «Parem! Acordem!» — não compreendem o que é parar e acordar. Pervertemos a ordem de valores. Pusemos a mó debaixo, bem em cima dos valores do espírito.

Tarefa gigante, e de cada um, a passagem do rio para o lado da Fé e da Esperança. Tentemos. O Senhor Ressuscitado espera-nos mesmo aí.

☆ «Boby» — paraplético no corpo e na fala — tem olhos de menino, falar de menino em corpo de gigante. Todos brincamos com ele.

Dá razão e elucida-nos de tudo: Datas, festas, aniversários e pessoas que estiveram para nos ajudar.

Vibra intensamente em todas as festas e nelas participa com as suas risadas e olhar iluminado. Feliz. Tão feliz!

Há dias, num lindo dia de sol!, um grupo de visitantes, tristes e compungidos, parou diante dele na varanda. Comentários...

«São maus» — disse-me, depois.

Para ele, os tristes e carregados de problemas são maus.

Não procuremos a felicidade nas coisas que possuímos ou desejamos; no poder sobre os outros; na satisfação sófrega dos apetites; na própria saúde física. Ela pode estar longe destas casas e pode não caber dentro do nosso coração.

Olha o «Boby»!

A todo o momento ele a irradia.

Padre Telmo

Notas da Quinzena

Cont. da página 1

légio, por pura graça de Deus. Vi as lágrimas a correr pelo rosto daquela mulher e mãe, como que a lavá-lo de tantos beijos — o de Judas também se chamou um beijo — e quejandos que, noutras ocasiões, o conspurcaram. Ali, frente a frente, olhos nos olhos, estava o coração infeliz, arrependido mas impotente para abandonar a vida que levava. Bem queria curar o mal na raiz. — Não sou capaz, responde, de abandonar a estrada...! Tome lá conta dos meus filhos.

Trago estes assuntos para as colunas d'O GAIATO, sabendo que nada têm de novo, talvez. Nem tão pouco convencido de que o problema se resolve de uma vez para sempre. Mas, ai de nós se nos calarmos! Quem havia de falar em nome destes filhos? A chamada grande Imprensa não cuida, normalmente, destes assuntos. São comuns demais para despertar-lhe o interesse porque a venda dos jornais não aumentaria. E, entretanto, o mal avança. O reino do mal está muito bem organizado e tem muita força. Se o reino do bem não se organiza ao jeito do fermento — sim, ao jeito do fermento para ser mais eficaz — a podridão aumenta. Os fiéis leigos «não só pertencem mas constroem, orientam, dinamizam o próprio mundo, juntamente com os seus concidadãos».

• Dentro de poucos dias aqueles dois filhos vão ser nossos. A mãe vai continuar na estrada, cada vez mais caída... O que é prioritário na tua vida de leigo cristão? Onde estás? Como estás? Quem dera que ao leres estas notas, percebas um murmúrio de esperança; a certeza da presença do Senhor vivo no segredo dos caminhos da vida de tantos e tantas que querem ser felizes!

Padre Manuel António

Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos

vencimento é de 35.000\$00, o que não me permite ser candidato».

Outro chefe de família diz que vive com a mulher e dois filhos numa casa onde, no Inverno, a água aparece no chão como se estivessem na rua! E apresenta o último recibo do vencimento: 33.800\$00 por mês.

Como será possível estes chefes de família adquirirem casa própria ou alugar uma, com as mínimas condições, para viver?!

Ao constituirmos a Cooperativa não foi só com a intenção de resolvermos os problemas dos que podem pagar, pois sem a nossa colaboração poderiam adquirir a sua habitação. O pensamento também foi para os mais necessitados. Ao recordarmos o rosto daquele nosso colega, cujas lágrimas traiçoeiras saltavam dos olhos, mais nos obriga a tentar a colaboração daqueles que os possam ajudar. Por isso, daqui lançamos um apelo, muito em especial às entidades oficiais vocacionadas para este tipo de ajudas.

A habitação foi uma das grandes preocupações de Pai Américo: Por todo o Portugal há muitas centenas de casas do Património dos Pobres. Estamos a ver o semblante triste de Pai Américo quando visitava o Bar-

Com a presença de 47 cooperadores, representações do Centro e Sul do País, realizou-se, em 25 de Fevereiro, a anunciada Assembleia Geral que aprovou o Regulamento Interno e o dia 1 de Março para início da actividade da Cooperativa.

Demos conhecimento aos presentes do arranque, para breve, da construção de quinze casas no loteamento existente em Paço de Sousa, cedido à Cooperativa pela Obra da Rua.

Lebrámos, também, que a Cooperativa não ia oferecer as casas e cada um deveria estar preparado para assumir as suas responsabilidades na devida altura. Mas, dentro das possibilidades, procurará ajudar os menos favorecidos.

Na Assembleia Geral de 25 de Fevereiro verificámos que grande percentagem dos que procuram apoio não dispõe de meios financeiros para mais tarde assumir as referidas responsabilidades.

Dois exemplos:

Com as lágrimas a saltarem dos olhos, um dos presentes informou: «Estou interessado numa casa, visto que vivo com a mulher e uma filha em péssimas condições; mas o meu



A Casa do Gaiato de Paço de Sousa faz quarenta e seis anos:

«Apareceu-nos a antiga cerca dos monges beneditinos de Paço de Sousa, a uns 30 quilómetros da cidade do Porto. Não a procurei. Estava ela de queda à minha espera! (...) O musgo, as silvas, os morcegos, o abandono — estavam ali. Uma sentença do Supremo Tribunal de Justiça declarou que a propriedade não era património do Estado, tão pouco de quem a usufruiu. Hoje, chama-se e é a Casa do Gaiato. Em Abril do ano de 1943 tomei conta do espólio. Dias depois começava-se a demolir o antigo dormitório dos frades e, logo a seguir, na parte mais alta da cerca, dezenas de pedreiros cantavam às pedras das casas em construção. Entrementes, emergem da terra as primeiras moradias da nossa futura Aldeia. Aboliu-se o sistema de caserna por ser contra a natureza da criança. Constroem-se vivendas, de ar e luz, para famílias de 9, de 14 e de 20 rapazes. Uma Casa que verdadeiramente interesse os seus simpáticos e irrequietos habitantes.

Que lhes inspire amor ao asseio. Que lhes dê o verdadeiro sentido da dignidade da pessoa humana. O belo, por ser reflexo da Beleza Incrriada, tem dentro de si mesmo um grande poder educativo. Digo mais: Sem beleza, toda a pedagogia é morte; nem o próprio Evangelho realça.» (Pai Américo)



DOCTRINA



...em constante chilrear...

- É já além de amanhã, à Portagem, a primeira largada dos cinquenta Gaiatos, todos recrutados em terras de ninguém — como se vê no vestir de quem mos entrega e na bagagem que cada um leva. Tão pobres estes pequeninos, que escrevem no Céu os nomes de quem deles cuida por amor de Deus.
- Sete contos redondos foi tudo quanto se apurou nos peditórios da cidade; e com isto se levanta ferro em absoluta confiança na indigência dos colonos; quanto mais pobres eles forem mais o dinheiro rende. Cinco pães e dois peixes chegaram para um mundo de bocas — é Jesus Nazareno quem benze o pão da Colónia (de Férias).

- Em vez de cem, podia conduzir trezentos — se Coimbra se levantasse para me dar a mão. Se o «fanatismo» de um só pode ir tão longe, onde não chegaria o zelo sóbrio de um grupo de boa vontade!

- Os jornais falam do ensaio de Colónias deste género para a quinta dos Pisões, entre Sintra e Cascais; e dizem que um grupo de senhoras e senhores de categoria estão trabalhando nelas. O pobre da Sopa tem a sorte dos mais Pobres. Sozinho, a calçar o chão, ele bate nas aldrabas das portas, estende a mão nas igrejas, manda cartas pelo correio, namora carteiras ricas e palmilha a cidade inteira num dia de doze meses, ele, o almocreve dos Pobres, a fazer recados e entregar coisas, enquanto o mundo folga e digere. Doce coisa é digerir! A Câmara não tem orçamento, o Governo Civil não tem verba, a Junta Geral tem as suas obras, o Comércio as suas letras, a Indústria os seus encargos, todos a sua vida; e as senhoras das comissões não tratam com recoveiros.

- Ai! que se Coimbra me quisesse dar a mão, eu não saía fora dela a chorar a vida dos seus pequeninos. Assim, as elites da Figueira e do Buçaco e do Luso e da Curia hão-de ficar a saber que na vossa linda terra há muita roupa que precisa de barrela.

D. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 1.º vol.)

Correspondência

«Mais uma gotinha no oceano. Mas gota a gota o oceano vai tendo água.

Esta Obra maravilhosa que tantas vidas destroçadas pelo infortúnio

redo e encontrava pais, filhos e filhas a viverem no mesmo quarto ou em escadarias de casas arruinadas. Hoje, perto do ano 2000, infelizmente ainda encontramos muitos chefes de família com lágrimas de desespero, por não terem possibilidades financeiras que permitam obter uma moradia com as mínimas condições para os seres humanos.

Se Pai Américo ainda estivesse a viver connosco, também se preocuparia com o problema habitacional dos seus filhos. Vamos todos dar as mãos e realizar aquilo que ele gostaria de fazer: uma casa para cada família!

- OFERTAS — Da assinante 9022, 500\$00. Dr.ª Carmina Vidal, uma máquina de escrever. De uma vicentina, 100.000\$00 para o fundo especial da Cooperativa.

Rectificamos a notícia sobre a máquina de escrever, vinda de Sintra: Foi remetida pelo nosso amigo Eugénio Lopes.

Carlos Gonçalves

nio faz viver, não pode, não deve parar!

O bom Pai Américo — sendo seu contemporâneo, não tive o prazer de o conhecer pessoalmente, embora muito admirasse a Obra da Rua — no Céu velará por ela. Foi o cabouqueiro. Nós, os continuadores.

Os seus seguidores directos, com muita responsabilidade na grande Obra. Nós, os que pensamos estar de fora, com a grande responsabilidade de 'deitar o adubo na planta' para que viva, revigore e siga em frente. Nós, os 'de fora', somos tanto ou mais responsáveis do que os que estão 'por dentro'.

Vós sois os pulmões. Nós somos o ar.

Agradeço me enviem: De como eu fui, Cantinho dos Rapazes e Doutrina. Logo que tenham o 2.º volume, quero o Pão dos Pobres. Assinante 46254»

☆

«Assinei, ainda em seminarista, O GAIATO. Depois, por descuido, certamente e também pelas 'andanças' da vida, não mais me chegou às mãos.

No ano passado, ao entrar no Coliseu para assistir à maravilhosa Festa do Centenário do muito querido Pai Américo, com quem tive oportunidade de conviver em Miranda do Corvo; nas célebres Colónias da Senhora da Piedade e Tábuas e nos Bujos, fiz a minha assinatura, com pessoa amiga que

dos Leitores

teve a gentileza de me oferecer.

Passou já um ano e devo confessar que o 'Famoso' é um hino ao Amor de Deus e ao Próximo, único e primeiro Mandamento de Deus e que me conforta e, sempre, traz novas luzes... Não é necessário encarecer o facto do muito bem que me entra em casa, todos os quinze dias, e leio de fio a pavio..., servindo-me dele para meditação e até, para homilias!

Assinante 45658»

☆

«Há dias, encontrei um velho álbum com fotografias que tirei, numa das minhas visitas com os jocistas da Paróquia de N. S.ª da Conceição, do Porto, já lá vão mais de 35 anos. Noutra vez, fui numa delegação do Hospital Militar do Porto, representando os «praças», entregar ao Padre Américo, salvo erro, 12.000\$00 para uma casa do Património dos Pobres.

Depois: Lourenço Marques, Estrada de Marracuene, Padre Zé Maria — que é feito dele? 25 de Abril, convulsões; 1975, independência; coisas... para lembrar — ou talvez não; outras, maravilhosas, para não esquecer. Ainda por lá passei, até 1977, várias vezes. Um Lar de amor transformado em quartel de morte com guardas à porta, bem armados. As crianças de outrora eram, agora, jovens de

expressão dura — de quem matava e via morrer.

Assinante 16562»

Património dos Pobres

Cont. da página 1

suem uma cozinha. Quando renovares ou alindares a tua casa, imagina os que não usufruem de quartos para separar os filhos. Ontem, dei com quatro camas num quarto! Ao renovares o piso dos teus aposentos, dá conta dos que dormem em terra batida ou sobre o esterco.

Não me escandalizo com a tua moradia ou apartamento. Eu até sou apreciador de casas de bom gosto, espaçosas e aprazíveis. Escandalizo-me, sim, com as vivendas de tantos Pobres. Eles não são exigentes. Só aspiram pelo indispensável. E é de justiça elementar que o alcancem.

Uma telha tua, mais outra do teu amigo são duas telhas. É ao jeito da formiga que os telhados se cobrem. Fico à tua espera.

Padre Baptista

AQUI, LISBOA!

«O doente não pode ficar sozinho. Tem uma família para amar e ser amado.» (Tema de reflexão para o Dia Mundial do Doente)

Já lá vão muitos anos em que, quase de maneira sistemática, visitávamos doentes nos hospitais e sanatórios de Lisboa, procurando amenizar as suas dores ou prestar alguns pequenos serviços. Foi uma época rica de experiências, que muito nos marcou e recordamos com saudade.

Por circunstâncias várias, temos sido impelidos a estar presentes, nos últimos tempos, junto às cabeceiras das camas de variados amigos, procurando incutir-lhes ânimo e, até, no exercício das funções inerentes ao nosso sacerdócio, ajudá-los a transportar as barreiras deste mundo, a caminho da Eternidade, assim o acreditamos.

A dor, o sofrimento e a morte continuam a interrogar o homem. Este, porém, só encontra respostas válidas quando vê e sente no Mistério Pascal a explicação da sua cruz unida à de Cristo Redentor. Fora

desta perspectiva tudo é tenebroso e pleno de escuridão, insuportável.

Na época de materialismo em que vivemos, vai-se esboroando o sentido dos Outros, sobretudo dos mais fracos. O doente, sobretudo o inválido permanente, é portador de males profundos, é abandonado ou esquecido, a começar nas próprias famílias. Olvidamo-nos que a roda tem alcatruzes e fugimos a ser cireneus. É trágico que assim suceda, precisamente quando os outros mais precisam de nós, do nosso carinho e da nossa atenção.

O tema de reflexão para o Dia Mundial do Doente deve ser aprofundado e vivido por todos, dentro das famílias e fora delas. A presença discreta, a palavra amiga e a disponibilidade devem ser preocupação de todos em relação aos que sofrem, procurando minimizar-lhes as dores e fazer-lhes sentir a nossa solidariedade. Os doentes merecem o nosso

respeito e não podem ficar solitários. Cada um «tem uma família para amar e ser amado».

CAPELA — Continua a sua construção. Não há paragens, mas as coisas, às vezes, não são tão céleres como desejaríamos. Supomos que vai ficar obra digna e, tanto quanto nos é possível deduzir do já erguido, com a nobreza desejável.

Queremos informar também que as palavras de apelo aqui escritas têm tido eco nos corações dos nossos Amigos, desde os objectos de metais preciosos, a fundir para os vasos sagrados, até à roupa de altar e donativos em dinheiro remetidos. Como a *procissão* ainda não acabou, que as coisas não se fazem dum dia para o outro, toda a gente ainda se pode incorporar.

Padre Luiz



A Capela da Casa do Gaiato de Lisboa (Santo Antão do Tojal) será obra digna — com a nobreza desejável.

FESTAS

Continuação da página 1

Pelo que ouço dizer aos Rapazes, as nossas — este ano — ultrapassam em criatividade, movimento e perfeição todas as passadas e eu temo que este auge, a que elas chegam, quebre o estímulo a outros futuros criadores e ensaiadores.

Padre Aclio

SUL

- 15 de ABRIL, 21,30 h — Sede do Estrela de ALGERUZ
- 22 » » » — Sociedade Os Loureiros — PALMELA
- 29 » » » — Sociedade da QUINTA DO ANJO
- 30 » » » — Sociedade de CABANAS
- 5 » MAIO » — Sociedade Perpétua Azeitonense AZEITÃO
- 12 » » » — Luisa Tody — SETÚBAL

☆

CENTRO

Estive agora no salão onde estão a ensaiar as Festas. Os cuidados no pormenor. As danças estrangeiras. Os mais pequeninos com português que mal se entende. A alegria nos olhos de todos.

As férias da Páscoa ajudam-nos no tempo. Todos têm tempo. Todas as outras obrigações esperam. As Festas é que são. É tudo para as Festas.

Eu gosto muito de todos os números. Todos são sinal de muita vida em comunhão. Comunhão dos actores e dos assistentes. As nossas Festas são feitas por todos. São comunhão.

Padre Horácio

- 15 de ABRIL 21,30 h — Salão dos Bombeiros — MIRANDA DO CORVO
- 16 » » 15,30 h — Teatro Gil Vicente — COIMBRA
- 21 » » 21,30 h — Teatro José Lúcio da Silva — LEIRIA
- 22 » » » — Salão da Casa do Povo — MIRA
- 29 » » » — Salão dos Bombeiros — CANTANHEDE
- 30 » » 15,30 h — Teatro Alves Coelho — ARGANIL
- 5 » MAIO 21,30 h — Salão do Casino — FUNDÃO
- 6 » » 15,30 h — Teatro-Cine — COVILHÃ
- 7 » » » — Salão da Misericórdia — CASTELO BRANCO
- 18 » » 21,30 h — Teatro de Anadia — ANADIA
- 19 » » » — Cine-Teatro — TOMAR
- 20 » » » — Salão dos Bombeiros — LOUSÃ
- 21 » » 15,30 h — Sala do Casino — FIGUEIRA DA FOZ
- 27 » » 21,30 h — Cinema Messias — MEALHADA

Novos Assinantes de O GAIATO

O nosso Padre Carlos tem levado a mensagem d'O GAIATO a muitas paróquias do Norte. Trouxe 131 novos assinantes de Cacia, 301 de Espinho e 132 de Angeja, S. João de Loure e Alquerubim.

Os respectivos párocos, muito receptivos. De tal modo que, de vários lados, aparecem com notícias motivadas por esta acção pastoral — que tomam em suas mãos. Eis um deles, das terras de Cambra: «*Alguns assinantes da minha paróquia, com dificuldades de enviarem dinheiro, pediram para o mandar com o meu. Como sei as dificuldades das pessoas, em diversos aspectos, fiz um aviso na Missa dominical e pus-me ao dispor de todos...*»

Capital do norte. Mensagem pascal duma Mãe (assinante 27956) com os olhos da alma apontados para os seus mais seus:

«*Lendo O GAIATO, reflecti que meus filhos, já casados e cada um em suas casas, não terão oportunidade — como eu — de pensar em muitos assuntos que o Famoso nos obriga a lembrar. Neste contexto, ficaria muito grata que fosse enviado para eles um jornal, se possível já o próximo, que serviria como prenda de Páscoa.*»

Muitas inscrições de gente que opta, e muito bem, pela assinatura, por «*ser mais prático*» — di-lo uma Amiga, de Vila Nova de Gaia.

Outros(as) chegam *tocados(as)* pelos nossos pequeninos distribuidores: «*Várias vezes tenho sido abordada pelos vossos Rapazes que distribuem O GAIATO. Tenho-o lido com satisfação... Peço que mandeis o jornal.*»

Vale a pena continuar a citar notícias deste teor! Furadouro: «*Já ouvi falar da Obra do Padre Américo, há muito tempo, mas nunca tive oportunidade de vos contactar — apesar de comprar O GAIATO muitas vezes. Mas, agora, quero ficar assinante e recebê-lo em minha casa.*»

Eixo: «*Encontrando-me num hospital do Porto, tive a felicidade de ler O GAIATO entregue por um jovem, da vossa Obra. Desejo recebê-lo na minha residência. Envio pequena quantia. É pouco, mas de boa vontade, porque sou pobre.*»

Uma tripeira afirma que, «*depois de muitos anos sem ler O GAIATO, torna às minhas mãos emprestado por pessoa amiga, gesto que reaviva a grande admiração que sempre tive pela Obra da Rua. Por isso, peço para ser incluída na lista dos assinantes.*» Acontece: após um hiato, cresce a devoção!

Muitos não guardam só para si a mensagem do Famoso. Transmitem-na pelo mundo fora; como esta Amiga, de Aradas:

«*Cá estou, de novo, a mandar o endereço de mais assinantes novos. Vamos a ver se consigo outros. O*

meu desejo é que toda a gente, aqui na minha freguesia, seja leitora d'O GAIATO. Graças a Deus tenho conseguido um bom número.»

Moncorvo: «*Gosto muito da Obra da Rua. Quero dá-la a conhecer através d'O GAIATO, arranjando assinaturas. Vai lentamente. Confio em Deus que havemos de ser mais e mais.*»

Porto: «*Tendo vindo para cá um cidadão da Guiné tirar um curso de Português, gostava que o tornassem assinante d'O GAIATO. A sua leitura é Evangelho puro, vivido no dia-a-dia. Quando chega, é devorado e meditado em pormenor.*»

Linda-a-Velha: «*Gostaria de oferecer O GAIATO a um caboverdeano, inválido, que mora num bairro degradado. Estou certa que a leitura vai fazer bem e o ajudará a aceitar a cruz com resignação e fé em Deus.*»

Em suma: temos recebido muitos assinantes, inclusivé das comunidades portuguesas espalhadas pelo Mundo. Já dobrámos o cabo dos 70.000. Caminhamos para os 80.000. Quem havia de dizer! Graças a Deus.

Júlio Mendes



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
 Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
 Fotocomp. e Imp. offset: Escalas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898

Depósito Legal n.º 1239
 Tiragem média durante o mês de Março: 71.150 exemplares